



Grupo de trabajo: GT I: Derechos humanos, violencia y criminalización de la pobreza
Titulo: A QUEM SE TEME? O JOVEM POBRE E O MEDO DA CIDADE

Nombre y apellido del ponente: Clarice Cassab

Titulación e institución de pertenencia: Doutora em Geografia. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Email: clarice.torres@ufjf.edu.br

RESUMO

O objetivo desse texto é discutir a forma pelo qual é construída as imagens dos jovens pobres e de seus bairros periféricos a partir da imprensa local. A ideia é compreender como a mídia contribui para a elaboração de uma representação social que, além de produzir uma imagem estereotipada daqueles jovens e de seus bairros, restringe as possibilidades de mobilidade pela cidade. O trabalho é fruto de pesquisa realizada num jornal local de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

jovens pobres – cidade – mídia – representação social

ABSTRACT

The city can be the locus of political experience. It is important that it can be appropriate through its use. It is noticeable that fear and insecurity has restricted its use by determining the violent locations and subjects. The idea is to understand how the media contributes to the development of a social representation that, besides producing a stereotyped image of those young people and their neighborhoods, restricts opportunities of mobility in the city. The work is the result of research conducted in a local newspaper of Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

poor youth – city – media – social representation

Introdução

O que se pretende discutir é a forma pelas quais são construídas as imagens dos jovens pobres a partir da imprensa de Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata Mineira, Brasil. O objetivo, portanto, é compreender de que maneira ela contribui para a construção de um imaginário social que, além de produzir uma imagem negativa daqueles jovens e de seus bairros, restringe as possibilidades de



mobilidade pela cidade ao forjar sensações de medo e de insegurança¹. Assim, no âmbito desse trabalho parte-se do entendimento de que a mobilidade se inscreve no campo do direito à cidade na medida em que ela se refere ao “movimento que permite ampliar as possibilidades de apropriação e uso coletivo e individual do espaço urbano” (BARBOSA, 2014).

A metodologia consistiu no levantamento e leitura do jornal impresso de maior circulação da cidade, o Tribuna de Minas, nos anos de 2005 a 2011. Todo o jornal foi lido tendo sido coletadas, no entanto, apenas os eventos que tinham os jovens ou como autores ou como vítimas. Posteriormente as matérias foram agrupadas em categorias conforme o tipo de evento e participação do jovem dando origem a um banco de eventos. Para fins desse texto serão trabalhados os registros relativos a *droga, homicídio, agressão e assalto*. Ressalta-se, todavia, que o trabalho tratará apenas da forma pela qual os agentes envolvidos – os jovens – e os locais da ocorrência, são retratados.

A juventude pobre pelo olhar da imprensa

Para Moscovici (2003, p.33) estamos cotidianamente envoltos por ideias, palavras e imagens que “penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossas mentes, quer queiramos quer não e que nos atingem, sem que o saibamos”. Esse movimento é parte daquele que, segundo o mesmo autor, irá engendrar as representações socialmente constituídas.

As representações sociais se constituem como códigos do senso comum, tecidos a partir do cotidiano e que participam na construção de certas concepções e visões de mundo que os diferentes sujeitos possuem sobre a realidade. São sistemas de interpretações que regem os sujeitos com o mundo e com os outros, sendo definidas como “um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais” (MOSCOVICI, 1978, p. 75).

Logo, a representação sobre algo sempre se dá a partir da relação com o

¹ A pesquisa que deu origem a esse trabalho é foi desenvolvida no Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação da UFJF e contou com o financiamento do CNPq.



outro. Essa interação, para MAZZOTTI (2008, p.21), cria “universos consensuais”, nos quais novas representações são produzidas e comunicadas, transfigurando-se de simples opiniões para “verdadeiras teorias do senso comum, construções esquemáticas que visam dar conta da complexidade do objeto, facilitar a comunicação e orientar condutas”.

É possível pensar que as representações sociais se constituem como ideias socializadas, resultantes da vivência coletiva e da forma como cada um interpreta as figuras e imagens socializadas. São, portanto, orientadas para a comunicação e compreensão do contexto social e se manifestam como imagens, conceitos, categorias, teorias socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuindo tanto para a elaboração de uma realidade comum como para a comunicação entre os indivíduos, sendo somente compreendidas quando são contextualizadas em termos de suas funções simbólicas e ideológicas. Ou seja, do seu contexto de produção e dos agentes produtores e suas finalidades.

É assim que “os sistemas simbólicos emergem para unificar o imaginário social. Vale dizer, arquitetam as finalidades e a funcionalidade das instituições e dos processos sociais. Através dos múltiplos imaginários, uma sociedade traduz visões que coexistem, superpõem-se ou excluem-se enquanto forças reguladoras do cotidiano” (MORAES, 19 p. 96).

Para Coimbra (2001, p. 29) a mídia é hoje, mais do que nunca, um grande instrumento capaz de produzir “esquemas dominantes de significação e interpretação do mundo”. Isso significa que ela nos influencia sobre o que pensar e como pensar ao impor temas e pontos de vistas. Por essa perspectiva as imagens veiculadas pela mídia no que toca a juventude são partícipes na construção do imaginário social sobre os jovens, mas não sobre qualquer jovem, e sim, especialmente àquele residente das periferias pobres da cidade.

Inicialmente cabe registrar que do total de matérias coletadas pela pesquisa, mais de 95% associavam os jovens a eventos de violência. Confirma-se, portanto, a reflexão de Coimbra (2001) sobre a centralidade que a mídia adquire na atualidade ao definir e determinar os temas, comportamentos e modos de compreensão que deverão ser tratados pela sociedade. Esses temas tornam-se, através da repetição



constante e de sua vinculação cotidiana na imprensa, aqueles problemas aos quais precisamos nos posicionar e criarmos “soluções”. Pela

ininterrupta construção de modelos de unidade, de racionalidade, de justiça, de beleza, de cientificidade, os meios de comunicação de massa produzem subjetividades que nos indicam como nos relacionar, como, enfim, ser e viver dentro de uma permanente processo de modelização (COIMBRA, 2001, p. 30)

E dentre os temas preferidos na mídia para falar dos jovens está a violência. Das materiais que relatam atos violentos mais de 86% eram relativos a drogas, assalto, homicídio e agressão. Sendo que deles 26% correspondiam a assalto, 22% homicídios, 20% drogas e 15% agressões. Aos desmembrar essa informação, subdividindo-a em *jovem como autor* e *jovem como vítima* o quadro é o seguinte: do universo de notícias coletadas (1.731), 57,7% envolviam os jovens como autores do evento e 42,3% como vítimas. Dentre os autores 34% referiam-se a matérias que associavam os jovens a droga (venda e consumo). Em seguida estão assalto (26%), homicídio (12%) e agressão (11%). Já quando o jovem aparece com a vítima o que se obteve foi que 35% eram notícias de homicídios, seguidas de assalto (26%) e agressão (20%)².

Pela pesquisa é possível afirmar o aumento crescente do número de notícias que vinculam os jovens à violência e tendo-os como autores. Houve um aumento de mais de 500% de 2005 a 2011 desse tipo de matéria no referido jornal. E em todos os anos da série coletada os jovens são mais os autores do que as vítimas da violência.

Se iluminadas apenas as categorias droga, assalto, agressão e homicídio, é evidente o aumento no número absoluto de registros ao longo dos anos, destacando-se aqueles relativos a droga. Neste caso notou-se não apenas o crescente interesse no tema do tráfico e consumo na cidade como também no envolvimento de jovens com as drogas, seja retratado como traficante ou

² No caso das matérias classificadas pela categoria *droga* não há relatos dos jovens como vítimas.



consumidor. O mesmo padrão ascendente é notado quando o evento está relacionado as demais categorias estudadas.

É comum que se faça a associação direta e simplista entre drogas e violência. Essa associação, por sua vez, é paulatinamente repetida em muitas matérias veiculadas na imprensa o que colabora para que se intensifique a sensação de insegurança. Ainda conforme a relação droga/violência, o homicídio e o assalto acabam por se tornarem a expressão objetivada dessa relação. Ou seja, é como se as causas das mortes e dos assaltos na cidade estivessem diretamente relacionadas a um suposto aumento do tráfico de drogas. O que nem sempre corresponde a realidade.

Se de um lado pode-se imaginar que esse aumento acompanha um real incremento da violência na cidade, de outro, contribui para que seja forjado um imaginário que associa de forma direta os jovens à violência. Mesmo quando eles são mais vítimas do que algozes, como no caso dos homicídios na cidade.

Representação que acompanha a forma como a própria juventude é muitas vezes concebida: momento transitório que exige atenção e vigilância por parte do mundo adulto. Isso porque, seria ela naturalmente propensa a rompantes violentos³. Nessa medida, os jovens são concebidos como sem identidades, vontades, desejos e ações próprias, sendo definidos pela ausência e pelo que não seriam. Sujeitos que precisam de constante vigilância, controle e tutela para que não se pervertam ou não se percam no mundo das drogas ou do crime. É assim que sobrevive, por exemplo, o discurso que transfere à família e/ou ao indivíduo a culpa pela violência cometida pelo jovem.

Nas palavras de GUEDES (2003, p. 50);

A família pobre é frequentemente acusada como responsável pelo destino fracassado de seus filhos, que desde muito cedo são lançados aos perigos das ruas, a falta de escolaridade, aos diversos tipos de exploração, atribuindo à esse abandono a conotação de um ato voluntário praticado por mães insensíveis e por pais descompromissados com o seu papel de proteção.



Diária e cotidianamente a imprensa nos bombardeia pela sensação (real ou não) de insegurança e medo. O fato é que a centralidade assumida pela questão da criminalidade e violência nos debates públicos, nas decisões políticas e na vida diária das pessoas é acompanhada pela intensificação do sentimento de medo e pela estigmatização e criminalização de determinados grupos sociais.

Ao retratar, na grande maioria, as manifestações de violência e os jovens como sujeitos dessa violência a mídia contribui, para a construção de estereótipos que consolidam binômios causalistas como: violência e miséria, violência e tráfico, jovem e violência. Ao fazer isso, reforça-se a imagem negativa do jovem pobre urbano. Para GUEDES (2003, p. 56)

Os jovens pobres são cada vez mais identificados a partir de estereótipos que os enquadram como marginais em potencial atraindo os olhares carregados de preconceitos: do aparato policial que o identifica como “suspeitos”, da mídia que reforça essa imagem através de matérias que alardeiam a sua enorme ameaça e da sociedade que deposita nesses jovens a responsabilidade pelo aumento da criminalidade.

A violência, no entanto, somente pode ser compreendida ao ser acionada uma complexa teia de múltiplas determinações. Assim, embora fuja ao escopo da discussão desse trabalho, existem alguns elementos que ajudam a compreender o fenômeno da violência. Dentre eles, o sentido de instabilidade que domina a vida atual, decorrente, em grande medida, da inexistência de barreiras à ação do mercado e do capital que tornam incertos as garantias de emprego e de condições de trabalho e vida, resultando no enfraquecimento dos laços e relações interpessoais e produzindo a sensação partilhada por todos de um mundo cada vez mais indeterminado, maleável e competitivo. Sob essa lógica a diferença torna-se desigualdade e o outro passa por completa objetivação de sua humanidade, Torna-se o objeto de políticas de segurança pública e/ou mesmo de aniquilação⁴.

³ Para o debate sobre a construção dessa imagem ver: CASSAB (2010 e 2011)

⁴ Para esse debate ver COSTA (1997).



Para Ribeiro e Lourenço (2003), há uma racionalização cada vez mais aguda no sentido de legitimar o descarte dos jovens pobres que “não se ajustam às molduras simbólicas da juventude e não interessam aos comandos da gestão da economia”. Ainda conforme as autoras:

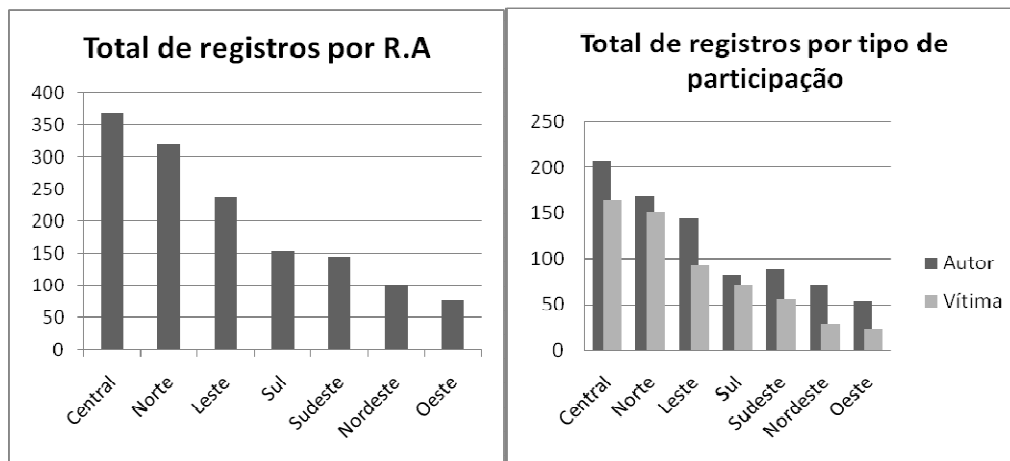
(...) os processos envolvidos no acesso à idade adulta e, portanto, à construção cultural do envelhecimento, contém, atualmente, pressões contraditórias quase avassaladoras: por um lado a navegação na incerteza, que constitui a alavanca da fase contemporânea do capitalismo, e, de outro, a exigência de adesão a crenças que orientem a relação presente → futuro e, portanto, a afirmação num mundo comandado pela competitividade e pelo individualismo (RIBEIRO e LOURENÇO, 2003, p. 87)

Nesse ambiente de instabilidade e insegurança na vida o aumento do medo do crime torna-se comum ao cotidiano das cidades. Crime e a violência convertem-se em assuntos de destaque e o medo passa a simplificar a leitura sobre o mundo, dividindo-o entre o bem e o mal, explicando o crime e a violência a partir de preconceitos, estereótipos e estigmas e definindo a existência de um grupo social privilegiado da violência urbana, objeto do medo e alvo das medidas repressivas.

“Lá eu não vou, não!”: o medo da cidade é o medo do outro



Os gráficos abaixo indicam a distribuição das matérias por região da cidade e conforme a participação no evento.



Fonte: NuGea

A primeira vista percebe-se a forte concentração de registros na região central de Juiz de Fora, seguida pela Norte. Esse padrão se dá tanto para vítimas quanto para autores. A região Central de Juiz de Fora tem população um pouco maior que 100 mil habitantes que se distribuem em 24 bairros. Dentre eles estão um número expressivo de bairros residenciais valorizados da cidade além do centro comercial que reúne as principais atividades comerciais e de serviços, tornando-se a região de maior circulação de pessoas e capital em Juiz de Fora.

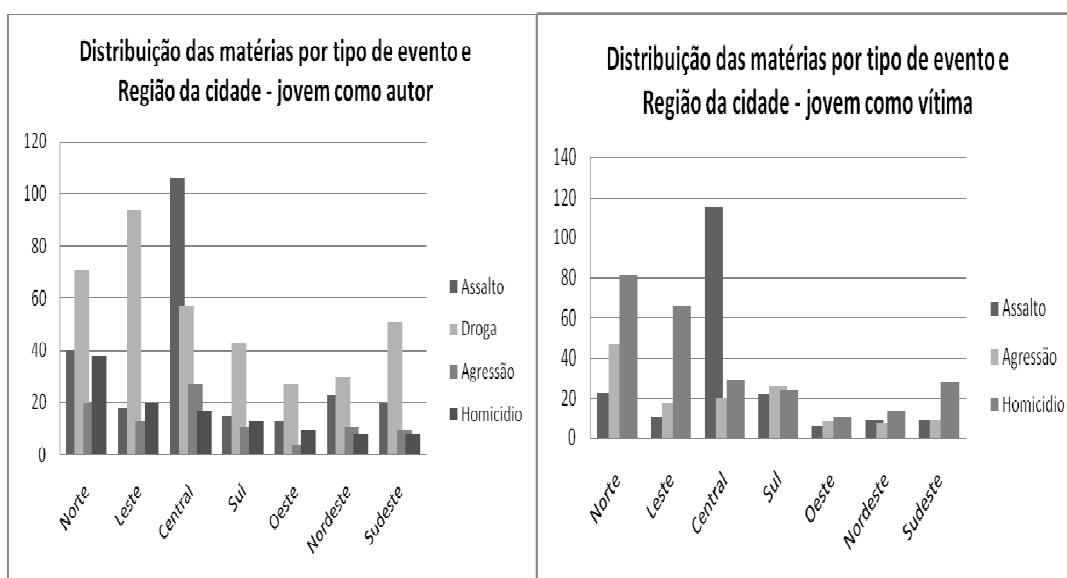
Ao concentrar seus interesses nela a imprensa acaba por produzir uma imagem de uma violência que se objetiva nessa região legitimando, e aclamando, a necessidade de ações que tenham como intenção “reduzir a incidência de crimes violentos, em especial os contra o patrimônio, e aumentar a sensação de segurança da população”, conforme anunciou recentemente o comandante geral da Polícia Militar⁵.

Todavia, ao refinar a investigação, separando as matérias por categorias e tipo de participação do jovem, nota-se que para cada categoria de crime há certo padrão de localização e uma forma de representação das regiões por parte da

⁵ Tal pronunciamento ocorreu em abril desse ano quando do lançamento da Operação Polígono Vermelho, que ampliou em 200 militares o efetivo responsável pelo policiamento ostensivo na Região Central e Sul de Juiz de Fora.



imprensa. Assim como não são todos os jovens descritos como perigosos, também não são todos os locais da cidade retratados como violentos e perigosos. Embora o medo da violência perpasse a totalidade da cidade e as matérias estejam fundamentalmente concentradas na região Central, existem aqueles locais considerados potencialmente perigosos e por isso devem ser evitados. Daí que para cada tipo e para cada sujeito, um local específico na cidade. Ou seja, para cada evento e para cada forma de participação do jovem, um padrão específico de espacialização das matérias. Os gráficos abaixo explicitam esse padrão.



Fonte: NuGea

Quando são autores de *assaltos* e/ou furtos o evento está localizado na região central da cidade, 51% das matérias coletadas, seguida bem abaixo pela região Norte (15%). Quanto ao perfil de participação dos jovens em assalto, 45% eram autores e 59% vítimas. As vítimas são retratadas, na grande maioria, como estudantes que ou residiam ou estavam transitando pela região em função do estudo ou da busca pelos serviços que nela se concentram. Quando autores, embora o evento tenha ocorrido na região Central, os jovens são retratados como sendo moradores dos bairros periféricos.

Para os eventos categorizados como *agressão* o padrão de distribuição do total de registros foi de 26% na região Norte seguido por 18% na Central. Desse total 35% retratavam os jovens como vítimas tendo como localização a região Norte



e 19% a Sul. Para autores esse percentual era de 28% na Central e 21% na Norte. Muitas dessas matérias, categorizadas como agressões, são relativas às brigas de motivação territorial. Nesse caso, há o confronto entre jovens residentes de bairros considerados rivais. Também é freqüente que tais confrontos ocorram na região central da cidade, considerada neutra pelos jovens. Além dessas, também foram comuns matérias que apresentavam agressões ocorridas nas escolas. Para esse tipo de evento – agressão – autores e vítimas se confundem e são representados fundamentalmente como sendo jovens das periferias.

Também é assim que os atos envolvendo *drogas* e *homicídios* são mais comumente relatados nas periferias da cidade. Tradicionalmente vinculadas à imagem de pobreza e habitando o imaginário social como lugares violentos. As matérias referentes à categoria homicídio estão concentradas na Região Norte da cidade seguida da Leste. Tem-se, respectivamente, 33% e 26% dos registros. Quanto ao tipo de participação “vítima”, 32% ocorreram na região Norte e 26% na região Leste da cidade. Esse percentual foi de 33 e 18%, respectivamente, quando o jovem era o autor do evento. Nota-se, portanto, uma clara concentração nessas duas regiões. Por fim, para a categoria drogas tem-se que 25% das matérias abordavam eventos ocorridos na Região Leste, seguida pela Norte (19%).

São, portanto, essas as duas regiões mais representadas na imprensa local. Quando, no entanto, verificadas suas condições, nota-se que são elas, predominantemente, mais populares, sinalizando para a ligação atribuída pela imprensa entre violência/criminalidade e pobreza. A região Norte subdivide-se em 63 bairros com população maior que 76 mil habitantes. Já a Leste é composta por 34 bairros e cerca de 85 mil moradores, sendo também caracterizada por uma ocupação antiga e bastante adensada, superada apenas pelo Centro. Também são nelas que se localizam as maiores áreas de risco da cidade e o maior número de habitações subnormais. Dos 14 aglomerados subnormais classificados pelo IBGE seis estão na Zona Norte e dois na Leste.

Juiz de Fora possui forte concentração de renda tendo expressivo percentual de população cujo rendimento é de até 1 salário mínimo, conforme dados do último censo. Considerando que a média de pessoas na cidade que recebem até 1 SM é de 22,7%, 45 regiões urbanas encontram-se acima da média sendo que,



proporcionalmente, é a região Leste da cidade a que mais concentra essa faixa de rendimento.

Diferentemente da região Central, para a qual o discurso é pautado na cobrança por segurança, maior policiamento, estimulando a necessidade da “defesa” daquela região, para as Leste e Norte, as matérias centram-se unicamente em relatar o ato sem apresentar ou cobrar as ações do poder público e/ou da sociedade. Ou seja, a distribuição das matérias por tipo de evento e região na cidade permite perceber que, de uma forma geral, são às periferias da cidade outorgadas a imagem de violenta. Ao enfatizarem apenas a violência e as ocorrências policiais a imprensa acaba homogeneizando esses espaços, simplificando sua vida social, e atribuindo a eles valores e sentidos associados ao crime, a violência e a pobreza.

E fazem isso tanto pela repetição quanto pela determinação dos temas e fatos relativos às periferias que podem e devem ser relatados, bem como a forma como eles serão apresentados. Ao serem desconectadas da cidade e ao desconsiderarem os processos sociais que lhe originaram e lhe conformaram, as periferias da cidade são vistas como lugares violentos e seus moradores, especialmente quando jovens, como criminosos ou potenciais bandidos.

Assim que o imaginário social, além da dimensão política, possui um forte componente espacial dado pelos significados que são atribuídos aos lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No movimento de construção das representações sociais sobre o jovem pobre e as periferias das cidades a imprensa cumpre importante papel ao criar e difundir estereótipos, super dimensionando a violência, ampliando o sentimento de insegurança urbana e contribuindo para a intolerância e criminalização dos jovens, da pobreza e das periferias. O resultado, dentre outros, é a fragmentação da cidade em territórios tratados e percebidos como dicotômicos e, em muitos casos, antagônicos. O centro e a periferia, o asfalto e a favela etc. Dicotomias que refletem a separação entre o eu e o outro desigual.

O medo é, portanto, algo que vai forjando o imaginário daqueles que habitam a cidade. Medo que é também encarnado em nos corpos e vai



ressignificando o cotidiano e conduzindo as práticas socioespaciais, na medida em que divide a cidade em lugares que podem ou não ser visitados.

É assim, portanto que, a partir de representações estereotipadas e estigmatizadoras, incansavelmente produzidas e transmitidas pela mídia, vai se consolidando uma sociedade cada vez mais centrada no individualismo que conduz a suspeitarmos do outro e de suas intenções, culpabilizando certos grupos e/ou indivíduos.

A reprodução de falsas dicotomias como o bom e o mau e o centro e a periferia, naturalizam a desigualdade, expõem preconceitos e multiplicam práticas repressivas e de controle sobre os jovens pobres das periferias urbanas. A vida coletiva vai sendo suplantada pelo individualismo, a vida pública pela vida privada, agora cada vez mais fortificada diante do medo e da insegurança. Na exacerbação do individualismo promove-se o solapamento da vida coletiva, condicionando e limitando a possibilidade do uso da cidade como *locus* da experiência pública e, portanto, política.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Jorge L. A mobilidade urbana como expressão do Direito à Metrópole. XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana/SIMPURB. Nov/2013.

CASSAB, Clarice. Refazendo percursos: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil. **Perspectiva**, Erechim. v.34, n.128, p. 39-51, 2010.

_____. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Revista Locus*, v. 17, n. 2, 2011.

COSTA, Jurandir Freire da. A ética democrática e seus inimigos. O lado privado da violência pública. In. NASCIMENTO, E. P. do. **Ética**. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond, 1997.

COIMBRA, Cecília. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas. Um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discurso de segurança pública. Niterói: Editora Oficina do Autor e Intertexto de Niterói, 2001.

GUEDES, Viviane G. **Jovens pobres e as vicissitudes da esperança**. (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.



MORAES, Dênis. **Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural**. Revista Contracampo, n. 1, 1997.

MAZZOTI, Alda Judith Alves. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. Revista Múltiplas leituras, v.1, n.1, jan/jun. 2008.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PAIVA, Anabela e RAMOS, Sílvia. Mídia e violência. Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. CESEC, Rio de Janeiro, 2007.

RIBEIRO, A. C. T. LOURENÇO, A. Marcas do tempo: violência e objetivação da juventude. In: FRAGA, P. C. P. e Iulianelli, J. A. S. Jovens em tempo real. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.